

**PARADOXOS GEOIDENTITÁRIOS:  
FAVELA DA BARREIRA, UMA FAVELA NO ASFALTO**

*Fábia de Castro Lemos* (UNIGRANRIO/FIOCRUZ)  
[fabiaclemos@bol.com.br](mailto:fabiaclemos@bol.com.br)

**RESUMO**

A formação e ocupação de espaços urbanos periféricos eclodem na produção crescente de núcleos de habitação denominados favelas, dada a carência de serviços básicos e essenciais, ou assim designada pela ocupação e construção irregular, ou ainda pela incidência de práticas de tráfico de entorpecentes, notadamente marcada por surgirem em morros. O que pode definir a identidade da favela? O entendimento da segregação espacial potencializado em sua representação pela polarização entre “asfalto” e “morro” nos conduz a noção da formação de “pequenas cidades” inseridas na ordem geográfica da própria cidade, no entanto, essa ordem geográfica pode ser delineada pela compreensão de pertencimento do grupo que emerge a representação do espaço. Para a realização do estudo, utilizamos as narrativas que compõe o tecido da história oral de vida dos moradores da Favela da Barreira, localizada na zona norte do Rio de Janeiro, dada a característica geográfica peculiar e seu paradoxo em ser uma “Favela no asfalto”. A busca da compreensão de pertencimento dos moradores e representação quanto ao próprio espaço, emerge nas narrativas. A partir da percepção do grupo, observamos que alguns, utilizaram como critério de percepção e definição do espaço como favela questões de organização socioambiental, enquanto outros levaram em consideração que, por ser localizada “no asfalto” o espaço é equivocadamente tratado como favela, negando assim a natureza geográfica e socialmente estabelecida. Concluímos, na análise dos relatos que o dissenso na percepção do espaço reflete na construção da identidade local, por outro lado, também pudemos perceber que o espaço tem o condão de educar, e ao mesmo tempo possibilita a construção de conhecimentos, que podem se tornar o arcabouço da cultura e identidade local, ainda que fundada em paradoxos.

**Palavras-chave:** Geografia. Identitária. Favela. Paradoxo.

**1. Introdução**

A favela tem sido matéria de estudos recorrentes, seja pelas tentativas de compreensão do homem e o espaço, seja pela busca de entendimento dos aspectos fenomenológicos, ou ainda pela apreensão de uma interpretação entre os entrelaçamentos das relações sociais forjadas entre os espaços mais abastados ditos “cidade”, e as “favelas”.

O crescimento das favelas notadamente no estado do Rio de Ja-

neiro<sup>101</sup> pode ser considerado um fato social relevante, fato esse que conduz nossa pesquisa, que por alguns anos, empreende esforços na tentativa de identificar os elementos que permeiam a produção do conhecimento nos espaços da favela.

A observação nos conduz a compreensão de que as identidades construídas guardam relação de diversidade com o próprio espaço, nessa vertente, percebemos o quanto a realidade, em seu critério mais concreto consolidado pelo espaço.

Por outro lado, pudemos observar ainda que as identidades são permeadas de elementos subjetivos, notadamente quando se compreende que as relações estabelecidas no espaço e pelo espaço, podem inferir na produção humana, na percepção e “leitura de mundo”, a socialização dessa dinâmica epistemológica conduz a compreensão de si através das relações travadas com o espaço e com o outro nele inserido.

Nessa perspectiva, falar da favela, é falar de um “outro” vivo, de um espaço que agrega memórias, (re)produz sujeitos e se transforma nas possibilidades do *flanar* de João do Rio pelas ruas as quais mantém, como “um espaço vivo”, alguns paradoxos sejam eles objetivos ou subjetivos.

O que pretendemos, é propor reflexões acerca do elemento geoidentitário, observado entre tantos outros que emerge desse paradoxo, onde buscamos analisar, através da compreensão dos moradores de pertencimento do espaço, mediante seu entendimento representativo do espaço da favela, onde as narrativas se desvelam como instrumento hábil, à formulação da história oral dos moradores, o que nos possibilita um melhor entendimento das relações travadas nos espaços da Favela da Barreira e os paradoxos geoidentitários.

Para a análise das narrativas, nos utilizamos do modelo de construção da história oral (NEHO/USP), aportada em alguns referenciais teóricos como Meihy (2011) que nos possibilita o trânsito entre a construção da história oral da favela e sua compreensão, Geertz (2015) que nos conduz ao entendimento das construções culturais da favela e Certeau (2014), que nos reporta ao mote de relação do espaço e as produções da favela, além de outros autores.

---

<sup>101</sup> Denominada de aglomerado subnormal o censo revela a existência de 763 favelas, com aproximadamente e 1.393.314 moradores (IBGE, 2010).

A construção do trabalho alicerçada em três etapas, que compreende a *introdução*, com o apanhado geral de nossa proposta de reflexão, o segundo ponto que nos remete a *compreensão da geografia da favela*, com a proposta de entender os significados da favela, o terceiro ponto que nos conduz aos *paradoxos emergentes* que busca desvelar elementos que aportam à construção da geoidentidade da Barreira.

Dessa forma, não temos a pretensão de esgotar a temática, mas apenas propor reflexões que possam contribuir para o estudo de algumas questões que mantenham a favela como cenário social.

## **2. Compreendendo a geografia do espaço**

A Barreira “*é plana, é de asfalto*” essa frase reverbera no discurso de muitos moradores, sem, contudo, identificar a natureza do espaço é ou não a Barreira uma favela? Para responder a essa questão, buscamos nas narrativas dos moradores a compreensão e percepção do espaço que habitam.

No entanto, antes da análise dessas narrativas, precisamos entender como o poder público entende e classifica o espaço, nesse mister, consultamos algumas fontes e definições construídas pelos órgãos públicos para entender o que é a favela, situando o enquadramento da Barreira.

### **2.1. Aglomerados subnormais: a visão do IBGE (2010)**

O órgão público IBGE<sup>102</sup> classifica favelas que estão fincadas em “*áreas públicas ou particulares alheias*” como *aglomerado sub-normal*, embora mencionasse não considerar para levantamento estatístico os condomínios habitacionais hoje favelizados como os da Vila Kennedy, Vila do João, Maré e Cidade de Deus.

### **2.2. A tríade da favela: construção do município do Rio de Janeiro**

A implementação do Programa Morar Carioca (Prefeitura do Rio

---

<sup>102</sup> Referência extraída do censo (IBGE, 2010).

de Janeiro, 2010), emergiu classificações no tocante aos assentamentos de baixa renda, implicando em novas formas de concepção do espaço da favela, alicerçadas na tríade: a favela passa a ser considerada por grupos como: complexos e isoladas, loteamento e comunidades urbanizadas, critério de distinção que fundamenta a classificação e o mapeamento das favelas do Rio de Janeiro, junto ao Sistema de Assentamento de Baixa Renda – SABREN.

O Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Sustentável do Município do Rio de Janeiro, materializado pela Lei Complementar n. 111 de 01.02.2011, também contribuiu para essa distinção propalada no Projeto Morar Carioca, estabelecendo no dispositivo do artigo 234, uns elementos que permitem distinções na concepção de favela, senão vejamos:

Favela – área predominantemente habitacional, caracterizada por ocupação clandestina e de baixa renda, precariedade da infraestrutura urbana e de serviços públicos, vias estreitas e alinhamento irregular, ausência de parcelamento formal e vínculos de propriedade e construções não licenciadas, em desacordo com os padrões legais vigentes.

A hermenêutica nos dá algumas possibilidades: A favela pode estar fincada em espaço não clandestino, sem necessariamente haver precariedade da infraestrutura, dando azo ao entendimento de outras formações, como loteamentos, onde os espaços são parcelados e legalmente aprovados e comunidades, espaços que recebem programas sociais, tendo, portanto, infraestrutura.

Assim sendo, o mesmo texto legal nos remete a outras definições no que concerne a análise de espaços habitacionais precários, definições instrumentalizadas ainda pelo SABREN<sup>103</sup>:

Loteamento – corresponde ao parcelamento legalmente aprovado e não executado, ou executado em discordância com o projeto aprovado (loteamento irregular) e ao executado sem aprovação do Poder Executivo Municipal e que não atenda às normas federais, estaduais ou municipais em vigor, relativas ao parcelamento da terra (loteamento clandestino).

Outra definição, proposta pela Secretaria Municipal de Habitação (SMH/RJ), tenta distinguir escalas para as habitações precárias, identificando àquelas urbanizadas, as quais são definidas como “comunidades”, sendo essas, na visão do órgão público, mais inseridas, organizadas e so-

---

<sup>103</sup> O Sistema de Assentamento de Baixa Renda reúne, desde 1983, informações sobre os assentamentos precários e informais cariocas, com o principal objetivo de apoiar a construção de políticas públicas, destinadas à sua urbanização e desenvolvimento social.

cialmente aceitas, diferenciando-se da favela e do loteamento apenas por terem sido beneficiadas com projetos públicos, os quais “levaram” a cidadania a esses espaços, transformando-os em “civilizados”

Comunidade urbanizada – aquela que tenha sido objeto de programas de urbanização integrada, tais como Favela-Bairro (PROAP), Bairrinho, Programa de Aceleração do Crescimento – PAC e outros similares, cujo projeto tenha garantido a implantação de infraestrutura básica, equipamentos públicos e níveis de acessibilidade satisfatórios; ou que, por esforço próprio de seus moradores e ações públicas diversas, ao longo do tempo, conseguiu alcançar uma situação bastante satisfatória de urbanização.

Na perspectiva dos órgãos públicos<sup>104</sup>, a Barreira estaria inserida como favela, sendo ainda um Assentamento de Baixa renda, um subgrupamento inserido na macrofavela Vila Operária Diamantes, gerando a nível concreto as primeiras contradições na identidade local, tanto difundida na noção dicotomizada de “Asfalto” mantida pelas habitações em áreas mais abastadas x “morro”, caracterizada pela favela.

Assim, a favela da Barreira<sup>105</sup> consolida sua existência no paradoxo do “morro no asfalto”, sendo favela plana, no interior do bairro periférico e urbanizado, de Rocha Miranda.

### **3. Paradoxos emergentes: a construção da geoidentidade da Barreira**

A narrativa de alguns moradores leva-nos a acreditar na existência de polarizações do espaço, que remete a consolidação de micro-núcleos de identidade, os quais guardam estrita relação ambivalente com as transformações do espaço. (BAUMAN, 2005, p. 11)

A necessidade de entender o espaço como favela ou não, para alguns se relaciona com critérios estéticos do lugar, o que o configura como favela, para outros, relaciona a percepção da “não favela” com questões da própria geografia plana da favela, outros demonstram indiferença e necessidade de distanciamento do local.

Nesse esteio, percebemos que as questões de construção da identidade estão intimamente relacionadas ao cotidiano (re) produzido pelo

---

<sup>104</sup> <http://portalgeo.rio.rj.gov.br/sabren/index.html>

<sup>105</sup> Que tipo de favela é a Barreira? Nem loteamento, nem comunidade, nem complexo, a busca da identidade se estende a sua natureza espacial, mantendo hígida a relação entre seus moradores e o espaço, para compreender os sentidos da Barreira.

espaço, onde se depreende que as relações travadas podem ter o condão dialógico com a construção identitária dos moradores.

A análise das formas de apropriação do espaço, nos leva a entender como a geografia da Barreira pode inferir na percepção do morador e na sua construção social, algumas narrativas refutam o espaço, outras compreendem a favela como extensão da família, mas a questão estética é sempre muito presente na percepção do espaço pelos moradores. (GEERTZ, 2015, p. 76)

### **3.1. Estética e identidade: o reflexo do espelho pela favela**

A busca de identidade ainda de forma subjetiva e involuntária, se coloca como prática que se evidencia e reitera no próprio cotidiano dos moradores da Barreira. (CERTEAU, 2014, p. 86)

A “infância” cognitiva e social dos moradores da Barreira pode repousar na ausência da construção de sua auto-imagem, o que infere na consolidação da identidade dos sujeitos, o espaço da favela, se desvela como franco cenário dessas produções do “eu”, seja em decorrência da apropriação do espaço ou pela rejeição do mesmo, evidenciados nas narrativas. (CORACINI, 2003, p. 29)

Assim, a favela e as relações do cotidiano podem ser compreendidas, na construção de Lacan (1998), como o espelho daquele que ainda não formou sua auto-imagem, que se vê ou se imagina “no espelho do olhar do outro”, que nomeia a imagem refletida do espelho, onde essa identificação do espelho confere uma identidade.

No entanto, não refutamos que o desnivelamento do espelho, ou seja, as contradições as quais se tem como eixo as relações locais e o espaço provocam diversidades locais, os quais por sua vez promovem distorções na apreensão identitária, consolidando paradoxos geoidentitários.

## **4. Considerações finais**

Concluimos, na análise dos relatos que o dissenso na percepção do espaço reflete na construção da identidade local, por outro lado, também pudemos perceber que as relações travadas com o espaço, consolidam o condão de educar, e ao mesmo tempo possibilita a construção de conhecimentos, que podem se tornar o arcabouço da cultura e identidade

local, ainda que fundada em paradoxos.

A compreensão da diversidade como elemento norteador, na perspectiva objetiva – na relação concreta com o espaço, e subjetiva – nas relações daí oriundas e precursoras de micronúcleos identitários, entendemos que um único espaço não pode ser observado linearmente, mas carece inicialmente de ser entendido através e muito além de suas produções locais, mas no entrelaçamento entre espaço e relações cotidianas, onde o tom vital dessa equação, repousa no discurso e nas narrativas.

O engajamento que essas comunicações proporcionam à percepção de vida sujeitos, certamente tem se demonstrado como suporte hábil a construção das identidades, ainda que fragmentadas pelas relações impostas pelo espaço as quais emergem múltiplas dimensões.

Tais dimensões se configuram em bases objetivas quando a compreendemos sob a concretude do espaço aportado em inúmeras questões territoriais e físicas, consolidada em critérios subjetivos, onde tais relações têm o condão de transformar o espaço e seus moradores, que tais aspectos mantêm polaridades mobilizadas em transformações constantes, as quais não podem ser refutadas, merecendo reflexões mais acuradas.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Z. *Identidade*. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CETEAU, M. de. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Trad.: Ephraim Ferreira Alves. 22. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- CORACINI, M. J. R. F. (Org.). *Discurso e identidade: (des)construindo subjetividades*. Campinas: Unicamp; Chapecó: Argos, 2003.
- GEERTZ, C. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Trad.: Vera Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2015.
- LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- MATURANA, H. *A ontologia da realidade*. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2014.
- MEIHY, J. C. *Guia prático de história oral*. São Paulo: Contexto, 2011.